



DL-01

Ses. Esp. 19/03/13

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial em comemoração aos 50 anos do Sinpro – Sindicato dos Professores do Estado da Bahia, proposta pelo meu querido amigo, deputado Marcelino Galo.

Para compor a Mesa, convido: o Exmº Sr. Deputado Estadual proponente desta sessão, Marcelino Galo; o Sr. Secretário de Educação, Osvaldo Barreto, representante do governador Jaques Wagner; o Sr. Presidente do Tribunal de Contas do Estado, Conselheiro Zilton Rocha; o Sr. Vice-presidente do Conselho Estadual de Educação, Sérgio Guerra; o Sr. Presidente da CUT – Central Única dos Trabalhadores, Cedro Silva; o primeiro presidente do Sinpro, Sr. Professor Hélio Carneiro e a Srª Coordenadora geral do Sinpro Bahia, Heloísa Monteiro. (Palmas)



4889-III

Ses. Esp. 19/03/13

Or. Marcelino Galo

Comemoração aos 50 Anos do SINPRO-Sindicato dos Professores do Estado da Bahia.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao proponente da sessão, deputado Marcelino Galo.

O Sr. MARCELINO GALO:- Bom-dia aos nossos companheiros e companheiras, professores e professoras, esta profissão tão nobre no processo de civilização da humanidade. Quero cumprimentar o presidente Marcelo Nilo, antes que ele se ausente, e também agradecer por ele ter tido uma deferência especial, porque hoje não é um dia de sessão especial nesta Casa, então, entendendo a importância desta celebração dos 50 anos do Sinpro, ele concordou com que fizéssemos esta sessão em um momento tão especial.

Quero cumprimentar o Sr. Secretário de Educação, nosso companheiro representando o Sr. Governador Jaques Wagner, Osvaldo Barreto; o Sr. Presidente do Tribunal de Contas, o conselheiro e professor Zilton Rocha, velho conhecido de vocês, militantes deste sindicato; o presidente do Conselho Estadual de Educação, também grande guerreiro da educação neste Estado, companheiro Sérgio; o presidente da CUT, este importante instrumento de luta da classe trabalhadora, muito obrigado pela presença; a figura, talvez a mais importante dentre essas estrelas que estão à Mesa, nosso primeiro presidente, fundador do Sinpro, o Sr. Hélio Carneiro, a quem agradeço a presença; a nossa companheira coordenadora geral do Sinpro Bahia, Heloísa Monteiro, e também agora ocupando a cadeira do presidente, o deputado Rosemberg Pinto, que é o Líder da Bancada do Partido dos Trabalhadores. (Palmas)

Sr. Presidente, caros colegas parlamentares, professores, membros das galerias, convidados e estudantes, aqui tem muitos estudantes da rede pública que quero agradecer. Sejam bem-vindos a participar de tão nobre sessão (Palmas) Espero que hoje à tarde em suas aulas vocês também homenageiem seus professores.

Companheiros e companheiras, (Lê) “o filósofo Hegel afirmava que a Razão governa a história. Os homens, dotados de vontades e paixões, mesmo buscando atingir seus



interesses individuais, acabam por caminhar no rumo trilhado pela Razão, rumo à liberdade. Cada ação particular contém um objetivo geral. E a história humana vai caminhando, guiada pela Razão.

Daí que Hegel, a quem nós, socialistas, criticamos tanto, formulou uma concepção magnífica da Filosofia da História ao afirmar a “Astúcia da Razão”. Um indivíduo se expõe aos perigos, morre, sofre, é submetido a dor, às preocupações, ao peso da responsabilidade. Mas a idéia, não. Segundo Hegel, e o idealismo alemão, a idéia, que é universal, fica intocada, ilesa. A Razão tem uma astúcia que utiliza os homens históricos para seus desideratos.

O indivíduo perece, mas a Astúcia da Razão preserva a idéia. E ela triunfa. E assim a sociedade evolui.

Evidentemente que para nós, marxistas, a questão de atribuir ao pensamento humano uma verdade objetiva não é uma questão teórica, mas prática. É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, a realidade e a força de seu pensamento. A coincidência da mudança só pode ser vista e considerada racionalmente como práxis revolucionária.

Não basta, portanto, interpretar o mundo. “O que importa é transformá-lo”, dizia Marx.

Para o educador Paulo Freire, no clássico “Pedagogia da Autonomia”, é uma contradição um ser consciente de seu inacabamento, como o ser humano, não buscar sonhar com a transformação, não buscar a construção de um mundo onde todos possam realizar-se com autonomia.

Então, ao afirmar que educar exige consciência do inacabamento, Paulo Freire nos ensinou que:

(Lê) “(...) a partir do momento em que os seres humanos foram criando o mundo, inventando a linguagem com que passaram a dar nome as coisas que faziam com a ação sobre o mundo, na medida em que se foram habilitando a entender o mundo e criaram por consequência a necessária comunicabilidade do entendido, já não foi possível existir a não ser disponível tensão radical e profunda entre o bem e o mal, entre dignidade e a indignidade, entre decência e o despudor, entre a boniteza e a feiura do mundo. Quer dizer, já não foi



possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política”.

Minhas caras companheiras, meus diletos companheiros, foi exatamente por compreender o seu inacabamento que os professores da rede privada de ensino fundaram o Sinpro no dia 4 de março de 1963, com o nome de Sindicato dos Professores do Ensino Secundário, Primário, Comercial e dos Mestres e Contra-Mestres do Ensino Técnico-Profissional no Estado da Bahia.

Na qualidade de socialista, não posso me esquecer de que o homem faz história, mas sobre condições que lhes são impostas pelo passado. Portanto, 50 anos depois da criação do Sindicato dos Professores no Estado da Bahia, não poderia deixar de reverenciar o professor Hélio Carneiro, um dos fundadores do sindicato, cassado e preso pelo regime militar. Professor, olhe para os lados. Veja essa entidade forte e viva. Esse é o seu triunfo! Na sua pessoa, saúdo a atual diretoria do sindicato e as passadas, bem como a todas as professoras e professores que juntos construíram uma instituição que gravou o seu nome na história do sindicalismo brasileiro. Ao celebrarmos nesta sessão as bodas de ouro de casamento entre o Sinpro e seus filiados, não poderíamos deixar também de homenagear a todos os professores que foram demitidos ou perseguidos por construírem as lutas encabeçadas pelo entidade. Esses que pagaram o preço da construção da luta dos trabalhadores, que se sacrificaram em prol das comunidades coletivas dos professores, a eles peço uma salva de palmas. (Palmas!) Vejo aqui algumas das mais expressivas personalidades deste Estado. Em comum tenho uma ligação com esse sindicato.

A história da Bahia registrará quantos destacados quadros o Sinpro formou ao longo dos seus 50 anos. Novamente não poderia deixar de citar outro nome importante dessa história: o do presidente do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, o sorridente professor Zilton Rocha, ex-deputado desta Casa a quem convidamos para estar presente a este evento. E ele, de pronto, veio para homenagearmos juntos o sindicato em que militou por tantos anos. É uma honra tê-lo conosco, professor Zilton Rocha, pois a sua história de vida dignifica a todos nós. Nunca será esquecida a sua participação decisiva na conquista da eleição direta para eleger diretor e diretora das escolas públicas, para conquistar as políticas de saúde dos



professores, para limitação de alunos por sala de aula, para criação da carreira do professor indígena e outros temas ligados à educação. Nem V.Ex^a será esquecido. A Bahia deve muito aos seus mandatos. E ao Sr. Zilton Rocha. Foi o seu mandato que transformou essas ideias em propostas legislativas, campanhas e mobilização social. Por isso, todos nós lhe devemos respeito e gratidão.

Quero também parabenizar a coordenadora geral do Sindicato dos Professores no Estado da Bahia, a companheira militante sindical Heloísa Monteiro, bem como os demais membros da direção pelo destacado papel dessa instituição na vanguarda de algumas reivindicações históricas da categoria.

Então, ao comemorarmos os 50 anos do Sinpro, sinto-me na obrigação de empenhar o irrestrito apoio meu e do meu mandato à luta pela conquista do extraclasse, uma das lutas em que a entidade sempre esteve na vanguarda. Os professores precisam ser remunerados por seu labor integral, e não só por parte dele. É uma questão de justiça e direito - inegociável, portanto - que os professores recebam pelo preparo das aulas até às correções dos trabalhos, os estudos e a pesquisa. Esse é um trabalho fora da sala de aula, um trabalho extraclasse que deve ser remunerado. Tenho um exemplo vivo na minha casa. A minha companheira é professora. Acorda de madrugada, não tem hora, recebe *e-mail* a toda hora cobrando planejamento, correção de provas. Então, isso tem que ser pago porque é o esforço laboral muito duro desses profissionais tão dignos.

Durante esta sessão especial em homenagem à passagem do aniversário do Sindicato dos Professores do Estado da Bahia, temos a certeza de que a luta dos professores não foi em vão. Vamos juntos conquistar o extraclasse e outras reivindicações históricas da categoria sem esquecer a preciosa lição: mais do que interpretar o mundo, o importante é transformá-lo.

Viva o Sinpro, viva os professores do Estado da Bahia.

Muito obrigado e parabéns a todos vocês.

(Não foi revisto pelo orador.)



4890-III

Ses. Esp. 19/03/13

Or. Cedro Silva

Comemoração aos 50 Anos do SINPRO-Sindicato dos Professores do Estado da Bahia.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Parabéns ao deputado Marcelino Galo. Quero registrar a presença de Aurélio Lacerda, presidente do Sinpro na retomada de 1980/1983; professor João Pereira Leite, fundador do Sinpro Bahia; professor João Henrique Coutinho, representante do Sinpro Bahia no Conselho Estadual de Educação, quero aproveitar para registrar aqui a ausência justificada do nosso querido deputado Bira Corôa, que também faz parte da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa, mas ele está exatamente nesse momento no seminário de criação da rede de combate ao racismo e a intolerância religiosa.

Quero parabeniza o Sinpro pelos seus 50 anos, tenho convicção de que teremos ainda muita luta pela frente, mas também muito sucesso; parabenizar toda a Mesa e o deputado Marcelino Galo que é o autor desta sessão e chamá-lo aqui para presidi-la, e pedir a vocês que já viram que estamos na comissão de direitos humanos debatendo a questão com os servidores da Secretaria de Segurança Pública, então terei que me deslocar.

Peço ao deputado Marcelino Galo que venha presidir a sessão da qual ele é o autor. Um abraço, sucesso ao Sinpro pelos seus 50 anos.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Meus companheiros e companheiras, dando continuidade a esta sessão, concedo a palavra ao presidente da CUT, nosso companheiro Cedro Silva para se pronunciar.

O Sr. CEDRO SILVA:- Bom-dia a todos! Gostaria de saudar a Mesa na pessoa do deputado Marcelino Galo, proponente da sessão e saúdo todos os membros da Mesa e uma atenção especial à coordenadora-geral do Sinpro, a companheira Heloísa Monteiro.

Gostaria desde já de agradecer o convite do deputado para esta sessão especial, e falar um pouco do sindicalismo, essa coisa de o sindicato brigar por uma categoria, uma luta tão árdua e muitas vezes até de uma incompreensão muito grande por parte de muita gente. Mas é um trabalho que dá resultado, é um trabalho que faz avançar, faz com que as pessoas



consigam melhorar no seu ambiente de trabalho, ter um pouco mais de remuneração e também produzir com satisfação porque o reconhecimento chega.

Como eu disse no início, é complicado e é complicado mesmo porque para ser uma direção de sindicato combatente, atuante, tem muitas vezes que deixar a sua família, tem que deixar a sua casa, tem que deixar de fazer muito aquilo que gosta para se dedicar de corpo e alma a uma categoria. E para nós, sindicalistas, direção de sindicato, presidente de CUT não tem sábado, não tem domingo, não tem feriado, semana santa, nada. Só existe uma categoria ou várias categorias a serem defendidas.

É esse o nosso trabalho. É por isso que hoje estamos aqui comemorando 50 anos do Sinpro Bahia, um sindicato fundado em plena ditadura militar, perseguido, invadido, sua direção foi presa, mas um sindicato que lutou e sempre combateu. Na década de 80 esse sindicato filia-se à Central Única dos Trabalhadores por ideologia e se mantém até hoje. Conversava com a presidente e dizia para ela: olha, eu estou procurando o sindicato porque recebi e venho recebendo a crítica de que a Central se afastou do sindicato, então já marcamos aqui para conversar.

É sobre esse sindicato que estamos falando e quando falamos sindicato entendam os senhores e as senhoras, que estamos falando de pessoas, de pessoas que têm compromisso com uma causa, de pessoas que têm compromisso com o País, de pessoas que têm compromisso com a classe que representa. Portanto...

Não posso me alongar, há muitos oradores, não é deputado Marcelino Galo? Mas quero deixar um abraço muito especial a esse sindicato que abraça uma das mais belas questões, que é a da educação. Tive um pai professor do Estado, que morreu aos 70 anos quando escrevia um livro sobre regras de acentuação gramatical. Ele nos deixou, ainda em pleno exercício da função, mesmo aos 70 anos, em decorrência de um AVC, mas eu o via cheio de cadernetas dentro de casa, corrigindo provas, fazendo um bocado de questões. E estudando também. Ele era um autodidata e estudava para saber mais. E eu... somos dez irmãos, mas professor não tem só os filhos com a sua companheira. Professor tem diversos filhos – é casado com a educação, e quem é casado com a educação adota todas aquelas



crianças e jovens da sala de aula, não é professor Carneiro? Por isso são conhecidos por gerações e gerações.

Portanto, o sindicato precisa continuar seguindo forte, representativo, avançando e conquistando muito mais para a categoria dos professores. Vida longa ao Sinpro/Bahia.

Muito obrigado e um bom-dia a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4891-III

Ses. Esp. 19/03/13

Or. Hélio Carneiro

Comemoração aos 50 Anos do SINPRO-Sindicato dos Professores do Estado da Bahia.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Muito obrigado ao nosso companheiro, presidente da CUT.

Queria registrar a presença do companheiro Aurélio Lacerda, professor, que foi presidente do Sinpro na retomada, 1980-1983, e gostaria de convidá-lo a fazer parte da nossa Mesa, sentar aqui ao lado de Zilton Rocha. (Palmas) Também registrar que passaram por aqui e estão presentes os deputados Carlos Brasileiro, Capitão Tadeu Fernandes, Kelly Magalhães, Cacá Leão, Euclides Fernandes, Pastor Sargento Isidório, Marquinho Viana, do PV.

Dando continuidade ao nosso ato, convido esta história viva, de uma importância fundamental para o sindicato, o professor Hélio Carneiro, para o seu pronunciamento. Por favor, professor. (Palmas)

O Sr. HÉLIO CARNEIRO:- Bom-dia a todos. Dirijo-me inicialmente aos componentes da Mesa e a todos eu falo diretamente ao deputado Marcelino Galo que convocou, propôs esta reunião em homenagem ao Sinpro, minhas senhoras e meus senhores, e uma homenagem especial aos estudantes aqui presentes, porque são as pessoas que vão construir o futuro (palmas), e alguns deles poderão estar tomando à frente do nosso sindicato.

Numa oportunidade desta, a gente tem vontade de recapitular toda a história, mas isso não é possível num período tão curto e se tornaria cansativo. Mas gostaria de registrar uma coisa: dentro do pensamento de Bertolt Brecht a respeito dos analfabetos políticos – porque existem os analfabetos funcionais, aqueles que não conseguem ler e escrever, e existem os analfabetos políticos, aqueles que aprendem nos bancos das escolas mas não são capazes de fazer uma interpretação da história e compreender a evolução humana. E dentro desse pensamento, gostaria de homenagear a todas as diretorias do Sindicato dos Professores que fizeram com que esse sindicato crescesse, e, hoje, leva a que seus integrantes se tornem professores, não somente de alfabetização, não somente de repetição de conhecimento, mas



que assimilem uma consciência política e sejam capazes de compreender a história, não a história somente pelo seu passado.

Agora, numa oportunidade dessa, não podemos deixar de mencionar nomes daqueles que plantaram a ideia de constituição desse sindicato. Infelizmente, devido a não só à idade, mas ao estado de saúde física, não pôde comparecer a Profª Aristocléa Macedo, que foi quem primeiro jogou a ideia e fez as primeiras convocações para a criação de uma associação que se transformasse em sindicato – ela foi convidada pessoalmente. (Palmas) Apenas um aliado da Profª Aristocléa daquela época está aqui presente, que é o Prof. João Pereira Leite. (Palmas)

Lembro-me bem que a Profª Aristocléa se preocupava com a situação em que viviam os professores: desrespeitados, sem direitos políticos, sem capacidade de lutar e de reivindicar. O que poderia ser feito para se conseguir alguma coisa? Ela teve a ideia de procurar o representante do Ministério do Trabalho, o superintendente, esse era o nome da função, hoje seria delegado do Trabalho, para conversar com ele.

E este sugeriu: “Por que a senhora não convoca os professores e organiza uma associação, para depois ser transformada em sindicato?”

E ela fez isso, convocando professores dos colégios em que ensinava e visitando outros colégios onde não ensinava. Mas, infelizmente, os professores daquela época ainda não tinham consciência política, eram competentes em suas matérias, mas boa parte era analfabeta política, no conceito de Bertolt Brecht.

Ainda assim, ela conseguiu congregiar muitos professores e formar o primeiro grupo, que organizou a associação profissional dos professores da Bahia, ou melhor, Associação Profissional dos Professores do Ensino Privado no Estado da Bahia.

E a partir do trabalho dela, que era de pura dedicação e vontade de construir, na hora da escolha do presidente, pressionada para que aceitasse, ela não aceitou. Então apresentaram outro candidato, que também teve um papel construtor: o Prof. Jair Ribeiro de Brito. Vou citar poucos nomes, mas que tiveram uma importância muito grande na construção da entidade.



O processo do sindicato demorou de andar. Foi necessário que procurássemos uma federação sindical existente no Rio, que nos ajudou a encaminhar o processo. E a Superintendência do Trabalho nos ajudou a regularizar a parte burocrática. E tivemos, enfim, no dia 4 de março de 1963, a assinatura da Carta Sindical, e o sindicato foi-se estruturando.

A primeira diretoria foi eleita no meio daquele ano, mas não chegou a dirigir por um ano, porque no dia 31 de março de 1964 eclodiu o golpe militar do qual todos nós temos conhecimento, ou por o terem vivenciado ou por ter lido a história.

Nessa parte, a primeira diretoria não teve possibilidade de continuar o seu trabalho. E um dos principais focos do trabalho era que o sindicato participasse de toda entidade, de toda campanha em que se tratasse de educação e cultura. Nessa oportunidade, o nosso sindicato teve um papel relevante na campanha de alfabetização de adultos pelo Método Paulo Freire, trabalho esse que foi interrompido pelo golpe militar.

Por outro lado, apesar dessa intervenção, desse período de esquecimento e de abandono que o governo proporcionou aos sindicatos, os professores não o abandonaram.

E um grupo liderado pelo professor Aurélio, aqui presente, fez a retomada do sindicato para a própria categoria. Antes, estava nas mãos dos representantes dos donos de colégios que usurpavam o título de educadores. Os professores eram, simplesmente, professores. E os donos de colégios eram chamados de educadores. Isso é um contrassenso.

Felizmente, após essa retomada, o sindicato tem feito uma campanha contínua para que os professores se tornem agentes da educação, a fim de criar entes políticos que participem da política. E vocês sabem que falo de política no sentido amplo e não partidário. Refiro-me à política que constrói, pensa e orienta. Isso é muito mais importante em nossa categoria, porque digo que esta é a categoria mais importante, porque cria e encaminha os primeiros passos daqueles que seguirão as diversas outras profissões. Infelizmente, a nossa profissão não é melhor considerada e não é a mais respeitada ainda. Mas a luta continua.

Temos certeza de que esta diretoria, sob a coordenação da colega Heloísa, vai continuar o seu trabalho e preparar para que as gestões futuras desenvolvam a política de construção ideológica, não de ideologia no sentido mais comumente, porém ideológica no sentido de formar professores que tenham ideias do que é a verdadeira política. É esta a



nossa esperança para o nosso sindicato. Outros nomes deixo de mencionar para que não cometer uma injustiça muito grande.

Finalmente, quero agradecer as palavras do professor Marcelino Galo que incensou, não digo que com inverdades a meu respeito, mas com o reconhecimento de um trabalho que resultou em alguma coisa que desenvolvi junto com outros colegas. Sinto-me muito honrado por estar presente nesta comemoração.

Muito obrigado. (Muitas palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço as palavras do professor.

(Não foi revisto pelo orador.)



4892-III

Ses. Esp. 19/03/13

Or. Heloísa Monteiro

Comemoração aos 50 Anos do SINPRO-Sindicato dos Professores do Estado da Bahia.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Registro as presenças dos deputados Aderbal Caldas e Sidelvan Nóbrega.

Gostaria, também, de registrar o fato de o aniversário desta categoria ser hoje, terça-feira. Isso impossibilitou a vinda de muitos professores. Acho que os empresários deveriam ter a sensibilidade de liberar os professores para que pudessem participar desta sessão especial.

Mas, aqui, estão presentes professores, Salesiano, Dom Bosco, UEFS, UFBA, Colégio Dom Avelar, Sinpro de Feira de Santana, conselheiros e diretores do Sinpro, Associação de Pequenos Produtores Rurais, Martiniano Rocha de Encruzilhada-BA, Coordenação do Desenvolvimento da Secretaria de Planejamento, Sindicato dos Professores, Sindicato dos Policiais Civis, Instituto Aliança, Coordenação da Articulação Social, Serin, a nossa companheira, aqui presente, que foi diretora do Sinpro e do Sindpec e o nosso companheiro Lourival que, também, está aqui presente.

Dando continuidade à nossa sessão especial, gostaria de convidar a nossa companheira e professora Heloísa Monteiro, coordenadora-geral do Sinpro-BA, para fazer uso da palavra. (Palmas)

A Sr^a HELOÍSA NASCIMENTO:- Bom-dia. Estou cheia de pescas, tentando ver se formalizo as coisas ou se faço uma aula, até porque, neste horário, eu estaria em sala dando aula aos meus alunos do Ensino Médio, como professora de História.

Neste momento, gostaria de agradecer em nome do sindicato e em nome da história por esta sessão especial e por a representação entender a importância que esta Casa e toda representação política deve ter com relação aos movimentos sociais, com relação a homens e mulheres que fazem esta sociedade. E, fundamentalmente, com as mulheres que representam uma boa maioria da educação básica e, como foi citado aqui, professoras, mães,



esposas, que muitas vezes têm seu tempo roubado, extremamente modificado na sua condição familiar para dar conta dos afazeres de ser professora.

Preocupava-me, à Mesa, com os nomes a serem citados. Somos uma diretoria colegiada, e eu insisto o tempo inteiro para que assim o seja e, desta forma, a coordenação geral, a presidência, enfim, as representações maiores hierárquicas, não tirem de todos nós a representação social coletiva, o quanto isso é importante para a construção da história.

Quero dizer que, embora tenha colocado aqui o nome de todo mundo da Mesa, quero que todos se sintam referendados por esta plenária e, fundamentalmente, responsabilizados para fazermos uma educação de qualidade. Este é o lema do Sinpro-Bahia, este é o lema dos professores que passaram pelo Sinpro-Bahia, diretores, categoria, ou, antes de ser categoria, de todos aqueles que acreditam que é a educação a mola propulsora para uma sociedade que busca desenvolvimento e crescimento.

Como professora de História, costumamos falar muito, então trouxe uma pesca, para não ser tão monótona, como conversei com o professor Hélio ontem.

Nos últimos 50 anos, o mundo e, nele, o Brasil passou por transformações históricas significativas que nos remetem da Guerra Fria à crise do capitalismo em 2008. Passamos pela forte ideia de fim do mundo, de uma terceira guerra mundial, quando as potências, Estados Unidos e União Soviética, protagonizaram guerras tanto de cunho ideológico quanto político, econômico e militar, e imprimiram ao mundo uma noção maniqueísta de bem e do mal, e que apenas um lado triunfaria.

Essa história se confunde com a história do Sinpro, com a minha história como estudante, com a minha história como professora, com a minha história como filha daqueles que lutaram contra a ditadura militar também. Neste íterim, as ditaduras latino-americanas solaparam o direito democrático de ir e vir, de se expressar livremente e de viver com liberdade, dentre elas a do Brasil, que se instaurou em 1964, quando eu ainda não era nascida, e permaneceu até 1986. E eu, mesmo não tendo direito ao voto, fui às ruas brigar, jovem, adolescente, para que tivéssemos uma sociedade melhor. Isso fruto do que aprendi com meus professores da educação básica, do ensino fundamental e do ensino médio, os quais homenageio sempre, que me formaram como professora.



Mas a história se move e homens e mulheres não se submetem aos decretos vaticinados pelos vetores dos poderes mais conservadores. Mulheres e homens encamparam movimentos sociais e, clandestinos, perseguidos, violentados e desrespeitados, se afirmaram e se afirmam numa longa marcha contra a face ideológica capitalista do fim da história. Durante o final do século XX, passeávamos por esses discursos filosóficos e históricos que a história chegara ao fim. Neste cenário de opressão e luta, de retrocesso e avanço, de caminhos e descaminhos, o Sinpro- Bahia, Sindicato dos Professores no Estado da Bahia, trilhou a sua história.

Em defesa dos professores da rede particular de ensino, sem abandonar bandeiras históricas, em defesa da liberdade, da democracia, do Estado para todos, em defesa da escola pública, gratuita, laica e de qualidade, para todos os brasileiros e todas as brasileiras.

Às vezes os setores confundem, o fato de ser um sindicato representante da categoria da rede particular, de que está de alguma forma a serviço do capital. Quero lembrar a todos aqui que a nossa categoria é professor da rede particular de ensino e também da rede pública. Estão em ambas as frentes para buscar minimamente salários para sua sobrevivência.

O Sinpro Bahia vem, ao longo desses últimos 50 anos, reivindicando salários dignos, condições de trabalho, saúde e lazer negadas a uma categoria que deveria ser mais respeitada, numa sociedade que visa desenvolvimento e superação de desigualdades. Com a maioria de mulheres na educação básica, O Sinpro Bahia denuncia a tripla jornada de trabalho, a necessidade de emprego em várias escolas. Neste exato instante é preciso registrar que a nossa representante da CONTEE, a professora Tânia Lima, que estaria aqui compondo a mesa, deveria estar se deslocando da sala de aula onde ela está dando aula. E muitas vezes temos a dificuldade de nos ausentar por um compromisso maior com a aula, com os estudantes, com aqueles que fazem o nosso cotidiano.

É preciso também falar sobre o trabalho, o assédio moral, a quantidade de alunos em sala de aula e o desgaste físico e mental da professora e do professor. Não cabe mais, em pleno século XXI, não enfrentarmos, conjuntamente, essas questões. Não dá mais para



falarmos de homenagem, para reverenciarmos a condição do professor e da educação como um todo em apenas palavras. É preciso que tenhamos ações.

É neste quadro adverso que o Sinpro Bahia liderou campanhas históricas, e teve vitórias na construção de uma convenção coletiva digna, perdendo-a, na década de 1990, no contexto neoliberal mundial que articulou o desmonte dos sindicatos. Lembro-me, de todo desmonte feito pelo sindicato ao Sindicato dos Petroleiros na sua greve histórica, belíssima, da década de 90, eu era estudante do curso de História.

O Sinpro participou politicamente no enfrentamento dessas forças contrárias aos trabalhadores: liderou campanhas contra a ditadura militar, participou de campanhas históricas em defesa da democracia no país, recrudesceu a força dos trabalhadores na fundação da CUT e da CONTEE, em prol de um enfrentamento potencializado, frente ao neoliberalismo do final do século XX.

Precisamos reforçar. Precisamos mais uma vez, nesse começo de século XXI, enfrentar as forças que de alguma forma se organizam, de uma maneira mais equilibrada contra nós, trabalhadores e trabalhadoras.

Adentrou o século XXI, desguarnecido frente a falsa ideia de um triunfo do capitalismo. Mas não há fatos eternos, como não há verdades absolutas, já dizia Nietzsche, e o trem da história fez com que em uma república da elite de mais de cem anos, um trabalhador chegasse ao poder, para enfrentar mais uma das crises do capitalismo, e pontuar o dinamismo da história. E isso está marcado nos livros de História; estará marcado daqui a 50, 100 anos, como algo que rompeu e superou uma elite promulgada e pensada em 1889, para dar conta a toda uma elite cafeicultora. Também não vou dar essa aula para vocês.

Temos muito a comemorar nestes 50 anos! Temos muito que conquistar para os próximos 50 anos!

A confiança e o trabalho da categoria é o que nos move. A representação de alguns deles aqui, desculpem-me por não trazer a nomeação, para não cometermos os equívocos de uma nomeação, mas aqui tem representado categoria que lutou conosco. E que muitas vezes a escola recebe a demissão, ao final do ano, por ser sindicalizado ou por estar no movimento.



Isto é algo que precisamos encarar de frente e resolver de uma vez por todas, numa sociedade que se diz desenvolvida.

Quero também falar da dedicação dos diretores e dos ex-diretores a este sindicato, aqui presentes, aqui ausentes por conta das necessidades da sala de aula. Quero dizer que o Sinpro-Bahia tem o orgulho de afirmar que os seus quadros não ficam na diretoria por longos e longos anos. Aqui temos a presença de ex-diretores que agora estão em outras frentes. Ou seja, não fazem do sindicato o espaço exclusivo de luta. Considero isso um diferencial do nosso sindicato.

Devo também falar daqueles que estão na luta neste momento nesta diretoria. Muitos deles são responsáveis por toda essa organização, por toda a articulação, na luta conosco nessa adversidade, que é a escola e o olhar patronal, um olhar ainda do século XIX.

Quero também registrar, nominalmente, a presença do nosso empregado mais dedicado, mais confiável, mais afetivo, Ailton Oliveira (palmas), que tem 29 anos de Sinpro-Bahia. Fiz questão, Ailton, de o seu nome ser o único citado aqui por causa da confiança que temos em você e pela dedicação que você demonstra todos os dias, ao longo de todos esses anos, ao sindicato. Parabéns. (Palmas)

Teria muito mais o que dizer; acredito que todos também teriam. Este é um espaço em que devemos demarcar as nossas lutas, as nossas conquistas. Mas também é um momento para, fundamentalmente, nos parabenizarmos e para comemorarmos. Que outros 50 anos possam vir e que outras comemorações aconteçam. Mas esperamos que isso ocorra num cenário de educação de maior qualidade, de maior respeito àqueles que fazem da educação um ofício e uma fé diária.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo oradora.)



4893-III

Ses. Esp. 19/03/13

Or. Sérgio Guerra

Comemoração aos 50 Anos do SINPRO-Sindicato dos Professores do Estado da Bahia.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Muito obrigado, professora Heloísa, pela aula. Nós estamos vivos, a nossa história não acabou, vamos continuar lutando.

Registramos as presenças do deputado Jurandy Oliveira, do professor José Raimundo e do companheiro Marcelo Rocha, coordenador do Departamento Territorial da Seplan e também ex-diretor do Sinpro.

Convido para fazer uso da palavra o velho guerreiro, professor Sérgio Guerra, membro do Conselho de Educação do Estado da Bahia.

O Sr. SÉRGIO GUERRA:- Em primeiro lugar, agradeço ao deputado Marcelino Galo pela lembrança. É uma honra para esta Casa e para os professores estarmos festejando aqui os 50 anos dessa gloriosa instituição.

Não achei que ia ser convidado, mas pensei em me oferecer para falar como militante desse sindicato, entidade que tem muito da minha vida e que me ensinou, politicamente, a conviver com a rede privada com uma visão um pouco além daquela que tínhamos – ainda acho que em grande parte ela é verdadeira –, de que a educação é um dever do Estado, sendo a rede privada complementar.

Só que vivemos um período de desprestígio tão grande da educação – faço parte, a partir dos 15 anos, da geração que sofreu com a ditadura –, que houve um momento em que nós próprios fomos obrigados a botar os nossos filhos na rede privada, já que a pública não dava conta. Mas acreditamos que o resgate da rede pública é o resgate da democracia na escola. E aí, meu secretário Osvaldo Barreto, estamos nesse desafio.

Vejo aqui vários professores. Quero começar pelo professor Hélio Carneiro, pessoa que não conheci pessoalmente à época. Na década de 1970, quando chegamos ao sindicato, ele estava exilado em Brasília como bancário.

Mas o professor Raimundo Duarte, a quem quero fazer uma homenagem aqui, foi um professor que, durante toda a sua vida, insistiu que deveríamos retomar o sindicato e fez



com que retomássemos. Ele, sempre, falava do professor Hélio Carneiro e daquele grupo que tinha fundado. Tive oportunidade de conhecer, profissionalmente, a professora Aristocléia, o professor Ney, o professor João Leite, que está aqui presente, e tantos outros.

Mas quero fazer uma homenagem também, muito especial, a um professor que me faz muito feliz, porque toda vez que eu chego a um evento do Sinpro, sei que não sou o mais velho nem o que tem mais filho. O meu amigo Muniz consegue ganhar para mim nessas duas qualidades. (Palmas) E ainda mais, o professor Muniz está sempre próximo à diretoria. De vez em quando, pegam ele. Ele consegue escapar, mas continua sendo cassado. Muito obrigado, professor Muniz, pela lição de vida. (Palmas)

Mas temos um desafio muito grande. Quando olho para trás, vejo os meninos que estavam chegando ao sindicato como Zilton... Imaginem, hoje, chamar uma autoridade dessa de menino? Mas foi. Ele foi de nossa escola e tantos outros que estão aqui. Meu próprio filho passou, também, pela direção do Sinpro. Parece-me ser uma praga que jogaram em mim, pois meus filhos insistem em ser professores e de história. Há um outro que está chegando por aí.

Portanto lembro que a grande luta da gente foi a luta para conseguir o repouso semanal remunerado. Tal direito constava em lei, mas os patrões não pagavam. Quando eu dizia que todo patrão era ladrão, que estava roubando meu direito, havia gente que se assustava. Mas nós conseguimos ganhar isso.

Agora, quando eu olho a nossa luta no estado, onde temos 30% da nossa carga horária reservada para atividades extraclasse – e esta é uma luta do Sinpro ainda –, vejo o quanto o capitalismo, no Brasil, é selvagem e o quanto jogam com as nossas horas familiares.

Eu tenho a impressão de que virei professor ajudando a minha professora primária a carregar as sacolas de cadernos com deveres de casa. Acho que minha paixão pelo magistério começou aí. E a vida me deu duas companheiras, também professoras, que me deram sete filhos. Até a que fez psicologia, terminou atraída pela praga que me acompanha: ser educadora.

Mas sou um homem muito feliz, porque, em minha trajetória sindical, na trajetória sindical da minha geração, derrotamos a ditadura! E mais do que isso, Cedro, quero dizer que



construímos a CUT. E o Sinpro tem a grande honra de participar, desde os primeiros dias, da fundação da CUT. (Palmas) Por falar em CUT, quero lembrar aqui de um companheiro, seu primeiro presidente estadual formal, José Olívio, pois ele sempre me dizia que precisamos contar a história da fundação da CUT, porque precisamos contar a nossa história.

Vejam, quanto à história de personalidades, de brancos, de doutores, isso aí o pessoal reproduz muito bem. Mas a nossa história, a história dos nossos pais que nos educaram, as histórias dos nossos movimentos sindicais, a história da fundação da CUT, José Olívio nos dizia que éramos muito doidos.

Fundamos a CUT-BA antes da CUT nacional. E tínhamos dois sindicatos na fundação da CUT, quais sejam, os trabalhadores rurais de Ibotirama – tive a honra de encontrar Boaventura vivo e militante aqui nesta Casa na comemoração dos 30 anos de fundação do PT – e o Sindicato dos Eletricitários, cuja maior base era Sobradinho.

Como dizia, o sindicato estava tão dividido que, no dia em que nós aprovamos a convocação do congresso da CUT, o diretor do sindicato desligou a luz. E a primeira ata da CUT-BA foi feita no escuro e na sede do Sindicato dos Eletricitários. Nós éramos muito loucos. Santa loucura! Histórica loucura que criou a CUT.

Mas costumo dizer que sou muito mais feliz, porque, além de construir a CUT, uma das maiores sindicais na história do mundo, nós criamos o Partido dos Trabalhadores. E nós desafiamos todas as concepções elitistas de que se poderia fazer um partido da vanguarda do proletariado. Nós não somos vanguarda, não, somos base do proletariado. O companheiro Luís Dulci tem uma frase que gosto muito, ele diz que somos trabalhadores que se recusaram a deixar de pensar. Porque o que os patrões querem é nos sugar ao ponto de que a gente não consiga pensar na história. E nós fizemos a história. Nós elegemos um presidente operário, nós elegemos uma presidenta mulher, e vamos aprender a falar presidenta, essa é uma prática pedagógica necessária.

Quero dizer que sou muito feliz com o Sinpro. Agora estava lembrando-me que saímos de Hélio Carneiro, de Aurélio Lacerda e chegamos a Heloísa. Hoje, dia de São José, acordei pensando na necessidade de chuva no semiárido, porque hoje é dia de plantar o milho do São João. Então, o dia de São José remete-me a Santana, padroeira da Educação. Porque o



cuidar é um ato muito feminino e a gente precisa ser muito macho para ser educador. A gente precisa ter muita coragem para enfrentar as adversidades. Mas sou feliz por causa disso.

Quero dizer que saímos da luta pelo repouso remunerado e vamos ganhar a extraclasse; saímos do patriarcalismo e chegamos a uma sociedade de iguais onde as mulheres ocupam seus papéis. Acho que essa é a grande história do Sinpro, é isso que o Sinpro tem a ensinar a todo este país.

Muito obrigado. (Palmas)

((Não foi revisto pelo orador.))



4894-III

Ses. Esp. 19/03/13

Or. Zilton Rocha

Comemoração aos 50 Anos do SINPRO-Sindicato dos Professores do Estado da Bahia.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado, professor Sérgio Guerra.

Também gostaria de registrar a presença da nossa companheira, ex-prefeita de Salvador Beth Wagner, (palmas) que hoje ocupa um importante papel assessorando de forma muito competente a Comissão de Meio Ambiente, Seca e Recursos Hídricos desta Casa.

Agora, para dar continuidade, gostaria de convidar para fazer uso da palavra o companheiro que está aqui a minha esquerda, conselheiro, velho professor, Zilton Rocha. (Palmas)

O Sr. ZILTON ROCHA:- Sempre que volto a esta tribuna, começo a dizer que é um prazer retornar a um espaço onde participei durante 9 anos, encontrar velhos amigos, está ali Rita, nosso João Durval, servindo, já dei um abraço, o pessoal de convívio no plenário, as taquígrafas com as quais convivemos tanto tempo e muitos colegas que vejo aqui: Jurandy, Aderbal, mas a medida que ouvia, caro presidente desta sessão Marcelino Galo, as pessoas que me antecederam, vinha um turbilhão de possibilidades para falar numa sessão como esta.

Vou cumprimentar o secretário Osvaldo, Heloísa, Sérgio, Aurélio, Silva, vocês todos que estão aqui; vou ver os que foram mais antigos, Muniz, Marialva, João, depois Jairo, conheci na segunda geração, Chico, Luís, Duran, velho Ramon, Aílton, 29 anos, quando cheguei ele já estava lá.

Fico pensando, fazendo uma retrospectiva, primeiro, toda minha vida na Câmara de Vereadores e aqui tem uma origem que é preciso que eu diga com clareza para vocês. Quando numa das reuniões do Sinpro, a discussão surgiu que a Câmara de Vereadores é um espaço que define muito da vida na cidade, que define as questões que interferem na vida das pessoas. A discussão é que por isso deveria ser um espaço que o professor deveria estar presente, e éramos um grupo, tudo bem, alguém lá disse que achava que eu poderia desempenhar esse papel de ir para a Câmara de Vereadores em nome desse compromisso, de



representar o pensamento de alguém que vem da categoria de educação que, portanto, poderia ali ter um papel fundamental.

Estou contando isso para dizer que a responsabilidade era muito grande. Por quatro anos fui presidente da comissão de educação. A necessidade que eu sentia, à medida que tomava informações, era de resgatar a cultura dessa cidade, a história que estava se esvaindo por desleixo muitas vezes de tentar publicar as atas e de tentar tirar documentos que estavam se perdendo etc. Quero ser apenas telegráfico para falar disso: a responsabilidade nunca saiu de dentro de mim. Em todos os espaços que estou, inclusive agora no Tribunal, lembro que estou ali em nome de uma responsabilidade delegada a alguém para, por onde passasse, falar, pensar e atuar como quem educa.

Eu digo no Tribunal que o que mais me fascina estar lá não é o aspecto de punir, é a parte mais pedagógica. O Tribunal se quiser, e estamos fazendo um esforço nesse sentido, pode contribuir e muito para o aperfeiçoamento da administração pública, orientando, chamando para seminários, oficinas, dialogando com os jurisdicionados no sentido de que aqueles que assumem muitas vezes a responsabilidade de gestor não têm o preparo específico para aquilo. E foi o que aconteceu, por exemplo, comigo quando sai da sala de aula para ir para a Câmara para lidar com processos, orçamentos, discussões de toda a problemática da cidade, porque você tem uma necessidade de se informar. E temos feito esse esforço lá no Tribunal, de trazer as instituições para dentro dele. Estou agora tentando ver se vamos aos diversos territórios dar formação para aqueles que cuidam da parte de prestação de contas.

Portanto, é a responsabilidade de quem educa e que foi para lá com essa missão. Deixo aqui registrado esse aspecto de que se não faço melhor é por limitação, mas a responsabilidade eu carrego plena e completamente comigo sem nunca esquecer que não estou ali de voto próprio, o Sinpro me deu régua e compasso para isso, o Sinpro foi o espaço essencial, eu diria, para isso.

Comentava com o professor Aurélio que a minha chegada em Salvador, vindo de uma cidade de 5 mil habitantes como era a minha Nova Canaã, no ano de 1979, e no mês de março havia começado a trabalhar nas escolas e em maio estourou a greve que foi a segunda depois do ABC Paulista, quando os metalúrgicos reagiram, fomos a segunda categoria a se



rebelar e fazer a greve. Era um ano em que nem sabia onde ficavam os colégios, para localizar as reuniões eu perguntava onde era o Marista, o Vieira, Social, não conhecia a cidade, estava apalmando para chegar nos locos dos eventos.

Esse é um aspecto fundamental. Queria dar um depoimento pessoal de que tudo que faço, faço sem esquecer desse compromisso que assumi ao ter meu nome indicado e de que iria para lá em nome da educação, em nome dos professores para mostrar que era possível influenciar. Com relação a projetos, por exemplo, lá na Câmara, quando fiquei em nome desse compromisso, já os diretores eram eleitos pelos funcionários e pelos professores.

Propus um projeto para ampliar, que colocasse os pais e os alunos também, e conquistamos. O município não deixa de ouvir os quatro segmentos necessários que fazem parte da comunidade escolar. E fizemos outros projetos aqui que foram citados pelo deputado Marcelino Galo da eleição direta, da redução do número de alunos que, felizmente, agora o Congresso Nacional aponta nessa direção.

Discutia com meus alunos, professor Osvaldo, com relação aos 200 dias, que era mais para resolver interesses de quem queria cobrar dos pais dos alunos na rede particular, e eu dizia, com 50 alunos numa sala, para os alunos já adolescentes e que tinham capacidade de analisar, o que eles achavam que influenciava mais no aprendizado: colocar 20 dias a mais, porque eram 180 antes, em dezembro, ou tirar 20 alunos em março ou em fevereiro quando começa? Ao invés de 50, 30. O que influi no seu aprendizado é reduzir 20 alunos ou aumentar 20 dias? E eles não tinham dúvida de que o resultado qualitativo seria muito melhor se tivesse um número de alunos mais consonante com a atividade pedagógica.

Tivemos também outros projetos aqui, se fosse lembrar de cabeça, para não deixar as crianças carregarem mais de 10% do seu peso, que a escoliose vem depois, quando crianças carregam mochilas com seu material escolar, é preciso que guardem seus livros na escola. E fizemos até para os vigilantes das escolas, que não podem ter a mesma formação do vigilante do patrimônio. Eram quatro ou cinco horas de relações humanas. Isso para quem vai tomar conta das indústrias do Pólo, sim. Mas para conviver com crianças e adolescentes, não era para dar mais curso de arma para o vigilante do que de relações humanas e sociais. Os projetos estão aqui dormitando. Alguns desse projetos deram certo. Depois vieram o da



escola indígena, o das eleições das direções, mas temos outros de inclusão de filosofia e sociologia, etc, e muitos outros que não vou me lembrar aqui e que refletem esse compromisso.

Por último, para não exagerar no tempo, não poderia perder a oportunidade com a presença do secretário da Educação, professor Osvaldo, com quem converso sempre que posso, e ele já esteve lá, o convidamos para apresentar para os para os conselheiros e técnicos do TCE os projetos da secretaria. Dizia para a minha mulher, que foi diretora e coordenadora, que tem muitos anos de escola pública e particular, que não vejo chance de mudarmos profundamente a educação sem ser pela educação pública. As escolas particulares agem em função de interesses em que o aluno vai e o pai paga, etc, não e à toa que sempre que podem diminuem matérias e disciplinas.

Quem tem que avançar são as escolas públicas, porque as que sobraem têm que ir no mesmo ritmo do tempo maior e integral, de introduzir esportes e artes. Escola não pode deixar de ser um espaço onde a criança tenha prazer de ir. Hoje, infelizmente, se perguntarmos às crianças, elas irão dizer que detestam ir a escola, isso é um contrassenso, porque é lá que elas encontram os iguais, da mesma idade. Por que não é a atraente? Por que as escolas hoje passam a ser espaços onde a criança sai do seu apartamento e entra numa escola que é igualzinha. Escola tem que ter árvore, espaço, deve ser feita de maneira que a criança encontre aquilo que ela precisa. Precisamos tentar, cada vez mais, colocar escolas em espaços adequados para acontecer a educação. Mesmo as privadas antigas, olhem o 2 de Julho, que tem quadra e campo de futebol, o Vieira também, o Marista tinha um pouco mais, todos eles, mas os novos vieram para encaixotar os alunos.

Quando fiz, senhores, o admissão e na minha cidade se criou o ginásio excepcionalmente, quando ainda era distrito, em 1959, lembro que veio um inspetor do MEC, Dr. Otoniel Moura. Ele disse que teria de haver biblioteca, entrada de luz certa, entrada de ventilação. E nós, na 5ª série, ficávamos ouvindo aquelas coisas, que era um direito nosso estudar num espaço em que se começava tendo, pelo menos, um pouco de livros.



Eu comecei a ver aqui em Salvador, na década de 1980, donos de escolas começarem a brigar em dezembro, quando, em março, começavam o ano da 3ª à 5ª séries dentro de uma casa improvisada. Vejam, o MEC exigia que houvesse espaços adequados no interior e passou a aprovar esse tipo de coisa. Visava-se, apenas, resolver o problema da dupla que se desentendeu por ter um espaço para ganhar dinheiro às custas dos incautos. É preciso que o poder público bote dinheiro nisso!

Eu disse ao então ministro Haddad, em uma das vezes em que ele veio aqui como ministro, que teria de se investir muito mais dinheiro, porque, para se ter quadra, biblioteca, informática, livros e pagar melhor ao professor em um País de 5.600 municípios, não é com pouca coisa. É preciso colocar muito mais percentual do PIB! (Palmas) É preciso que se peguem oportunidades! (Palmas)

Gostei de ver a presidente querer taxar os produtores da área mineral que pagam uma besteira e têm lucros estratosféricos. Que se taxe para isso, ou seja, especificamente para a área de educação. Não há saída. O poder público brasileiro já universaliza mais ou menos. Agora, precisa cuidar da qualidade uma vez que as nossas crianças precisam ter o direito sagrado à educação.

A Bolívia, com todas as limitações econômicas, tem uma educação melhor do que a brasileira. A educação nossa precisa ser passada a limpo.

Darcy Ribeiro morreu dizendo que os elaboradores de conteúdos de vestibular influem mais na educação do que o MEC, porque as escolas trabalham a partir de dizer o que cairá no vestibular. Tudo é feito em função daquilo, quando se devia ter um projeto político-pedagógico, como disse o professor Carneiro.

Acho que é isso. Precisamos fazer esse tipo de debate.

O Domenico De Masi diz que o Brasil é um País especial, com um povo que tem muito a contribuir para o mundo, com todos os nossos percalços de interação, interétnica, etc., mas somos melhores do que a maioria aí. Só falta pegarmos este potencial e conduzir melhor.

Não dá mais para aceitar não se ter um ensino médio completo. Quer o indivíduo nasça na cidade ou nasça no grotão, este é um direito que precisa ser assegurado. Para isso,



tem de haver uma briga política forte, definitiva e intransigente. O Brasil não pode mais transferir ou adiar o direito à educação como um direito inalienável da pessoa humana. (Palmas)

Portanto quero pedir perdão a vocês por este desabafo aqui e, ao mesmo tempo, dizer que, no dia em que uma entidade como o Sinpro, com essa história toda, e com a higidez mental do professor Hélio Carneiro que me impressionou, junto com o professor Aurélio, a lucidez com que ele, que era presidente em 1963, há 50 anos, fala aqui para esses jovens com esta firmeza e com este exemplo.

É um momento de uma reflexão muito profunda. Esta Casa é quem está sendo honrada com a presença do sindicato aqui hoje. Parabenizo-lhe, Marcelino Galo! Mas digo que é uma honra muito maior para a Assembleia poder hospedar uma discussão tão importante com um sindicato com essa história e está, aqui, comemorando seus 50 anos de existência.

Agradeço a paciência de vocês.

Continuo muito honrado e muito feliz de ter chegado aqui em 1979, no ano em que o Sindicato dos Professores deu o exemplo reagindo de forma contundente e passando por cima da diretoria de então. Eu acompanhei aquilo como um chegante. Via que em cada assembleia – vou pedir mais um minutinho para dizer isso – tinha que se discutir quem iria dirigir a reunião daquele dia. Geralmente estavam presentes o professor Aurélio, Emerson Palmeira, Nelson Pretto, Sérgio Guerra, Ângela e uma outra colega de nome diferente, de Física, do PCdoB. Olival Freire parece-me que estava sempre presente. E era feito um revezamento, porque a direção do sindicato não aceitou tomar a frente.

E o sindicato patronal, espertamente, dizia: “Só negocio com o sindicato”. Aí, decidimos: “É? Então, vamos parar”. Esse grupo liderou, parou, e disse: “Agora você vai conversar com o sindicato ou com quem dá aula em sua escola?” Até que eles tiveram de sentar à mesa de negociação e foi constituída uma comissão.

E viemos para esta Casa, para a Comissão de Educação. Entrou o bispo, entrou todo mundo. Foi curioso porque nunca havia ocorrido greve na rede particular. Nem os patrões tinham costume e nem os professores. Quando paramos o Maristas, o Vieira e o Dois



de Julho pararam! O filho de deputado não tinha aula, o filho do juiz não tinha aula, o filho do desembargador não tinha aula, o filho do médico não tinha aula, e ninguém sabia o que fazer com aquilo. Os colégios principais estavam parados e isso forçou uma reflexão. Vários espaços tiveram de ser abertos para se discutir. Deputados ficaram muito zangados: “É porque meu filho também... é um problema lá em casa”. Juiz disse que não tinha quem ficasse com o filho, principalmente juíza. Foi um momento marcante.

Portanto, esses 50 anos foram muito bem lembrados pela Assembleia através de sua proposição, Marcelino – e parabênzo também a todos os outros –, que fez mais do que o dever de casa, trazendo as discussões de interesse social importantes. (Palmas)

Muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Muito obrigado, professor Zilton Rocha.

(Não foi revisto pelo orador.)



4895-III

Ses. Esp. 19/03/13

Or. Osvaldo Barreto Filho

Comemoração aos 50 Anos do SINPRO-Sindicato dos Professores do Estado da Bahia.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Quero registrar a passagem por este Plenário do Líder do governo e da Maioria, deputado Zé Neto; do deputado Jurandy Oliveira; e da grande liderança dos trabalhadores rurais, que muito lutou em Puxim Sarampo, Boinha Ribeiro, velho militante da luta pela terra neste Estado.

Antes de passar a palavra para o representante do governador, quero saber se algum deputado deseja pronunciar-se? (Pausa)

Concedo a palavra ao secretário da Educação, Osvaldo Barreto Filho, representante do governador Jaques Wagner. (Palmas)

O Sr. OSVALDO BARRETO FILHO:- Bom-dia a todos e a todas!

Saúdo, inicialmente, o meu companheiro e amigo, deputado Marcelino Galo, que preside esta sessão, e também o parabenizo pela iniciativa desta homenagem.

Saúdo o professor Zilton Rocha, presidente do Tribunal de Contas do Estado da Bahia; o vice-presidente do Conselho Estadual da Educação, professor Sérgio Guerra, amigo, também, de longas datas; o presidente da CUT, o companheiro Cedro; o primeiro presidente do Sinpro, professor Hélio Carneiro, a quem parabenizo pela aula, belíssima aula, de história que tivemos aqui; a professora Heloísa Monteiro, jovem e atual coordenadora-geral do Sinpro; o ex-presidente, meu amigo e professor Aurélio Lacerda.

Trago aqui um abraço do governador Jaques Wagner para a diretoria do sindicato pelos 50 anos do Sinpro. Em meu nome, também gostaria de parabenizá-los por esta data e dizer da minha alegria de participar de uma verdadeira aula de história que nos foi dada neste recinto.

Uma parte deste plenário está ocupada por jovens estudantes. Fiquei olhando para eles e pensando que deve ter sido extremamente interessante ter ouvido, rapidamente, parte da história do Brasil, uma parte importante da história recente do Brasil.



Já se vão 50 anos. Lembro-me que em 62 cheguei a Salvador e fui morar na Mouraria. O Sinpro foi criado em 63 e, logo em 64, foi abatido pela ditadura militar. Houve uma mobilização de jovens professores querendo criar, desejando criar um movimento de afirmação de uma categoria fundamental na construção de qualquer país que se pretenda civilizado, mas que, como toda uma geração deste Brasil, foi ceifada nas suas iniciativas pela ditadura militar.

É muito importante que se note na história contada aqui que esses jovens que se mobilizaram naquele momento continuaram a lutar pela construção democrática. O exemplo que aqui foi dado trata da ação no final dos anos 70, início dos anos 80, já na retomada democrática, mas, entre 63, 64 e início dos anos 80, travaram-se muitas lutas neste País, muitas ações foram feitas por jovens que dedicaram suas vidas, vários tombaram, morreram, foram assassinados nesse processo com a ditadura militar.

O fato é que a luta dessa geração, essa história novamente está sendo contada através do Sinpro, que reage a essa geração e retoma uma luta interrompida em 63. Melhor dizendo, retoma a história de uma instituição criada, exatamente, visando a valorização de uma categoria fundamental para a construção de uma educação de qualidade.

Gostei da fala da professora Heloísa, quando diz que a luta dos professores da rede privada é uma luta também pela construção de um ensino público de qualidade. Acho que essa é uma luta de todos. Referindo-se à escola pública naquele momento, Anísio Teixeira dizia que a escola é uma máquina de fazer democracia. Não tenho dúvida disso. Certamente, ela se transformará numa máquina muito mais forte, muito mais poderosa no momento em que adicionarmos a essa máquina de fazer democracia a garantia da qualidade, a garantia de que a cada estudante, a cada jovem seja garantido o direito de aprender. Acho que essa é a luta do Sinpro, é a luta de todos nós que fazemos educação.

É muito bom vermos essa construção. Estamos num governo que é fruto dessa luta política; o governo da Bahia, o governo federal são construções históricas, e não uma construção momentânea de pessoas que atuaram nesse momento. É uma construção de muitos que lutaram pela democracia, pela construção de uma vida mais digna para todos, pela garantia de que a juventude possa construir o seu futuro.



Nesse contexto, trazemos parabéns ao Sinpro, parabéns por essa bela história, parabéns a todos aqueles que militaram e militam no Sinpro e, principalmente, para aqueles que resistiram bravamente à ditadura militar e deram continuidade à luta de professores que, lá atrás, em 1963, ousaram criar uma entidade que visava a construção de uma educação de qualidade.

Portanto, parabéns pelos 50 anos, parabéns ao deputado Marcelino Galo pela iniciativa. Certamente a Assembleia sai revigorada de uma evento como este. Nós todos aprendemos com essa belíssima aula de história que é a construção desse sindicato.

Um grande abraço a todos e a todas. Obrigado pela oportunidade. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 19/03/13

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Muito obrigado ao secretário da Educação do Estado da Bahia, Osvaldo Barreto Filho, que representa neste ato o governador Jaques Wagner.

Registro a presença e a participação do professor Valdeci, ex-deputado desta Casa, e do ex-vereador Marialvo, militante do Sinpro-Bahia.

Companheiros, agradeço a oportunidade que o Sinpro me deu de promover este ato. Fico muito honrado e agradecido.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas, dos senhores, das senhoras, dos Srs. Deputados e da imprensa.

Antes de declarar encerrada a presente sessão, parabenizo o Sinpro-Bahia pelos seus 50 anos e desejo-lhe vida longa. Viva os professores do Estado da Bahia! Um grande abraço para vocês. Muito obrigado por estarem presentes. Agradeço também a presença dos nossos queridos estudantes que abrilhantaram esta festa. Muito obrigado a vocês. (Palmas)

Declaro encerrada a presente sessão.